

«SEREMOS MUITOS? SEREMOS
POUCOS? NÃO IMPORTA. SERE-
MOS SEMPRE OS SUFICIENTES
PARA, EM HONRA, DEFENDER-
MOS O NOME DE PORTUGAL».

SIMÃO PORTUGAL
(Brig. Aviador)

A Voz de LOULÉ

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA



PORTE
PAGO

(Preço avulso: 5\$00) N.º 689
ANO XXVI 24/8/78

Composição e Impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
Telef. 6 26 36 LOULÉ

AO MENOS UMA MORATÓRIA

PARA A GRANDE PUGNA ELEITORAL

É inquestionável que está à vista desarmada o efeito erosivo e desgastante das longas e intermináveis controvérsias e dissidências que os partidos, através dos seus porta vozes mais autorizados, não se têm privado, ao mínimo pretexto, de alardear, mais acirradamente de há um ano aproximadamente para cá.

Daqui resulta a ilação de que as longas polémicas, inconcludentes e intermináveis (gravitando por força da ambição do poder) são arrasantes. Será este o seu custo, não se sabendo a quanto ascenderá o juro a contabilizar à causa democrática e ao futuro do País, que periclitantemente e de quando em vez sofre bruscas e incontroladas mudanças de rumo. A falta crescente de prestígio

dos líderes políticos (o excesso de «vedetismo» assim os condena), o desencanto e desgosto da

(continua na pág. 2)

AUMENTO DAS RECEITAS DE TURISMO EM MAIO

Com referência a Maio último, as receitas de turismo atingiram um acréscimo de 52% em relação a igual mês do ano transacto.

Relativamente aos cinco primeiros meses do ano as receitas do turismo ascenderam ao montante de 5.732 milhares de contos, tendo acusado uma diferença para mais comparativamente a igual período do ano anterior de 22%.

Em termos de saldo, resultante entre as receitas e as despesas, o aumento verificado nos primeiros 5 meses foi de 38%.

LOULÉ ARQUEOLÓGICO ETNOGRÁFICO E HISTÓRICO

Como é proverbial em todas as latitudes, e isto é válido até nos antípodas, o homem contemporâneo possui uma memória curta.

Tal evidência não constituirá ponto de admiração por aí além, posto que o ritmo e capacidade de absorção da trepidante vida moderna não decorre de molde a favorecer a meditação, quanto mais um esforço de memória que obrigue sempre a uma simples pesquisa, nem que seja sumária.

Por outro lado, a «moda da novidade» e do «sensacionalismo»,

cada vez mais na berra monopoliza as atenções, pouco lhe deixando de sobra para uma retrospectiva voltada para «velharias» e «antiquilhas», desencorajando ou desviando possíveis curiosidades.

Decorre assim que nas reminiscências, somente ficaram alguns rudimentos que aos poucos e poucos se vão delindo e perdendo consistência significativa. Com a possível supressão no programa de ensino da História, até mesmo esses elementares conhecimentos ficarão devotados ao ostracismo dos grandes sectores estudantis e populacionais.

Há processos, no entanto, para fazer despertar o interesse das gentes para um passado que po-

(continua na pág. 3)

AUSPICIOSA INAUGURAÇÃO das Festas de Verão em Loulé

Tal como fora previsto, a inauguração das FESTAS DE VERÃO EM LOULÉ, cujo calendário (em parte cumprido nos dias 12-13 e 19-20 do mês em curso) cobriu já dois fins de semana e ainda

hã-de cobrir o «Weekend» próximo (dias 26-27), transformou-

-se num extraordinário polo de convergência de largos milhares



O ALGARVE NA HORA DA «INVASÃO»

A «grande invasão» do Algarve teve lugar, este ano, no terceiro fim-de-semana de Julho e englobou todos os meios de transporte menos os marítimos. Não foi, por isso, tão espectacular como os habituais afluxos turísticos às Caraíbas, às ilhas do Mar Egeu, ou às estâncias do Báltico, do Mar do Norte e do Canal da Mancha, e antigamente a Lisboa. A invasão do Algarve movimentou especialmente aviões das carreiras regulares e de voos fretados, que saturaram as ainda deficientes instalações de entreposto aéreo de Faro. No entanto, o movimento rodoviário também tem sido muito intenso. Devendo, portanto, os responsáveis pela coordenação do turismo português não esquecer-se que 80 por cento do movimento turístico internacional se processa por estrada, com vinca da tendência para o automóvel e caravana privada ou de aluguer.

A região turística do Algarve oferece o clima simultaneamente mais temperado e mais variado da Europa. De barlavento para so-

(continua na pág. 3)

QUARTEIRA ENFRENTA GRAVES PROBLEMAS

Além dos problemas da água que nem sempre tem pressão suficiente para atingir os andares mais altos e da energia eléctrica, cujos cortes são mais frequentes do que seria desejável, Quarteira enfrenta agora outro gravíssimo problema: o de escoamento das águas dos esgotos.

Com uma rede construída há já alguns anos e sem que tivesse havido capacidade de visão bastante para se ver para além do momento presente, Quarteira corre o risco de uma habitabilidade insustentável se os canos das caves e rés-do-chão continuarem a

(continua na pág. 3)

TURISMO — Que futuro?

Mais uma época balnear está a decorrer. Muitos visitantes estrangeiros entre nós. Uns pela primeira vez, outros pela segunda e

terceira e, uns tantos, ainda, que já se tornaram assíduos frequentadores da Terra Portuguesa.

Por quê? Gosto de viajar, de

conhecer outras terras e novas gentes, fazer turismo em suma? Sim, mas, certamente, por algo mais.

Turismo palavra mágica que sugere, seduz e atrai.

Quem não gosta de viajar?

Embora se tenha dito e escrito a verdade é que o tema é aliatante, inesgotável. Há sempre qual-

(continua na pág. 2)

A ASSOCIAÇÃO DE COMANDOS ESTEVE EM FESTA

Plenamente justificada por assinalar o 1.º aniversário da sua instalação em Faro, a Associação de Comandos promoveu há dias uma festa de confraternização na sede do seu apazigal Solar das Pontes de Marchil, a qual resultou plena de excelente animação e sã camaradagem não só entre

(continua na pág. 2)

Um aspecto do frondoso arvoredo do Parque Municipal que serve de cenário às Festas de Verão de Loulé

de pessoas que encontraram nesta realização uma derivação e variam e deveras aliantes, como complemento propício aos seus ócios e férias.

Com tal iniciativa, a cargo e al-

(continua na pág. 2)

MARÉ CHEIA... DE TURISTAS

Pode dizer-se que a «ponte» do último fim de semana atraiu ao Algarve tão elevado número de turistas que provocou uma autêntica «maré cheia».

Pelas estradas deste belo Algarve rolaram milhares e milhares de

automóveis, não apenas de portugueses mas também das mais variadas matrículas oriundas dos países onde as pessoas podem sair livremente para correr Mundo...

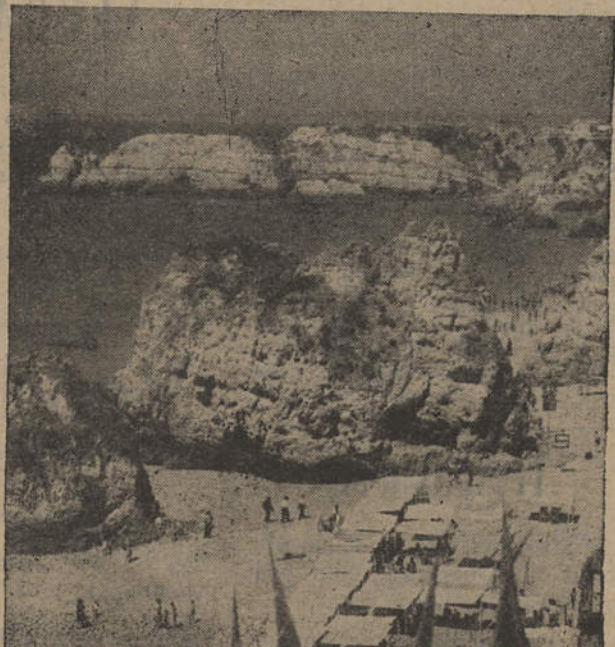
(continua na pág. 3)

AINDA O CASO DO JULGAMENTO DE «A VOZ DE LOULÉ»

(VER PAGINA 6)

«Todo o litoral algarvio, radiante claridade; doirado pelo sol; rendilhado de espuma alva-centa, é um poema de beleza divina, cenário imponente e inconfundível, onde a luz e a cor se combinam em magníficas sinfonias».

Julhão
Quintinha



AO MENOS UMA MORATÓRIA PARA A GRANDE PUGNA ELEITORAL

(continuação da pág. 1)

cidadão comum que não opto pelo fachadismo retórico, a desconfiança aos poucos e poucos instalada nos círculos opinativos mais observadores e pensantes, agravado este conjunto de circunstâncias, pouco reconfortantes, pela degradação económica instancável, que muito ofusca as melhorias sociais conseguidas (e não esquecer), criaram um clima desfavorável e intransigente, mais contra a imagem da «instabilidade» do que propriamente contra o «pluralismo partidário».

Quererá isto dizer que também a tolerância tem os seus limites e, de igual modo, a própria capacidade de decisão que não pode tardar, face aos destinos mais altos e superiores (os da nação), comprometidos pelas mutações e indefinições das alas políticas, mais competitivas e concorrenciais do que colaborantes e prestativas.

A decisão veio, poderá acrescentar-se discutivelmente (exoneração do Primeiro Ministro Mário Soares) com a indignação do tecnocrata Nobre da Costa por intermédio do Presidente da República, general Ramalho Eanes, nos será conveniente não perder de vista a conjuntura de crise que nos avassala a qual não se compadecerá por certo com mais diferimentos e adiamentos...

O tempo e a oportunidade de alternar em substância ou em parte um clima fortemente saturado pelas rivalidades de natureza radicalista e sectária (não coadunáveis com a boa ética da maioria democrática), foi propiciado pelo «impasso» forjado pelos próprios políticos que não souberam ou não quiseram conciliar os seus imperativos com a premência desejável e indeclinável do momento. Acusado várias vezes de indeterminação o Presidente da República, pressionado pela hora grave que vivemos, deu mostras de uma capacidade de decisão que a muitos surpreendeu.

A designação para Primeiro Ministro do eng.º Nobre da Costa, entidade independente, veio mexer e confundir o tabuleiro onde as jogadas a gizar pareciam encaminhadas para a imobilização dos parceiros.

Ninguém de ânimo leve poderá negar que a última palavra sobre a vivência do governo a constituir, encabeçado por Nobre da Costa pertencerá em última instância aos partidos políticos, com assento na Assembleia da República, em

especial os de maior representatividade.

Mas também deverá ocorrer aos mais responsáveis, já que o governo sucessor será transitório, se no cotejo dos prós e contras, a sua precipitada queda virá beneficiar a conjuntura actual, e já prestes a ceder a rupturas melindrosas e a atingir o intróito da campanha eleitoral.

Uma moratória de tranquilidade para clarificação e edificação da posições não seria desaconselhável, desde que, evidentemente, não se descursasse a continuidade gestora, motora e dinamizante.

Confiamos, todavia, nos dotes de discernimento e clarividência dos políticos mais qualificados e conscientes (de qualquer sinal), que, não obstante as provas e as experiências (nem sempre favoráveis) hão-de assegurar e acautelar a permanência democrática e, paralelamente a imprescindível recuperação nacional, indissolivelmente imanadas.

Se tortuosas são as linhas, nem por isso se ditará menos correctamente o respectivo contexto a sobrelevar, ponto é que nisso incidam empenhos preponderantes.

J. C. VIEGAS

AUSPICIOSA INAUGURAÇÃO das festas de Verão em Loulé

(continuação da pág. 1)
vedrio da Câmara Municipal de Loulé através de uma dinâmica comissão organizadora, composta, justo é salientar, por Hídio Flores, Fernando Soares e José Baptista, esta castiça e voluntariosa vila, situada no pórtico da serra, presta um contributo de indelével valia, enquadrando-se de forma mais prestativa e concedendo maior relevância à legenda que esta Província, no período em decorrência parece ostentar em face às suas galas e potencialidades naturais «o verão no Algarve é uma festa».

Portanto, no referido dia 12 a abertura das FESTAS DE VERÃO EM LOULÉ, que exibiu no recinto que as emoldura (o Parque Municipal), todas as suas atracções programadas, revestia-se de uma singular animação mesclada profusamente pelo público que não negaceou como é tradicional, o seu favoritismo.

No recinto, profusamente engalanado e iluminado por lâmpadas multicolores, lá se encontravam disseminados, os stands, contendo mostruários dos curiosos artesanatos locais, os cobres, as olarias, correios, empreitas de palma e esparto, docarias e aguardentes, que chamaram sobre si as atenções gerais.

Especialmente os stands dos cobres e olaria, fizeram apinhar os visitantes em seu torno, pois os artificios do ofício ofertaram aos circunstantes demonstrações da sua destreza laboral.

Por seu turno, num dos tabladados erguidos num plano proeminente, para que todos vissem, actuou com a tradicional vivacidade o Rancho Folclórico Infantil de Loulé, que executou variados números do seu repertório coreográfico.

Como já é costumeiro o Rancho atraiu imensa assistência que seguiu com visível agrado a sua brilhante actuação.

Igualmente merecem aplausos o concerto de música popular, propiciado pela Banda Filarmónica Artistas de Minerva, vulgo «Música Nova, regida pelo seu maestro sr. João Gomes, que constituiu outro elemento de saliente interesse.

No ring de patinagem, teve lugar o baile, que foi abrillhando pelos afamados conjunto «Maranta» e «Tema-77».

Por outro lado, as barracas de «comes e bebes» do «vinho e petiscos», dotadas de amplas esplanadas, não tiveram mãos a medir para atender a clientela que lhes desabou em cima.

Altofalantes dispersos transmitiram, ruidosamente como é de seu timbre, música folclórica do rancho, dos conjuntos musicais.

No dia seguinte, dia 13, embora se notasse ligeiro declínio, no número de visitantes, as atracções funcionaram em pleno, mantendo com igual nível e esmero o seu concurso.

No segundo dia de funcionamento, as Festas de Verão em Loulé, tornaram a integrar os mos-

truários dos artesanatos, a actualização sempre estimável da «Música Nova», averbando a colaboração dos Ranchos Folclóricos da Casa do Povo de Messines e Infantil de Sta. Luzia de Tavira e do conjunto musical «Tema 77».

No dia inaugural estimou-se a presença de 5 000 visitantes e no dia seguinte de 4 000.

É evidente que as FESTAS DE VERÃO EM LOULÉ, dado o seu cunho e características profundamente populares, ganharam jus ao dístico que prefiguram e que as guindaram à posição cimeira que hoje disfrutam na panorâmica sazonal algarvia.

De parabéns está Loulé e a sua Câmara Municipal que representa esta prestimosa vila, que nos êxitos alcançados ganham redobrados lenitivos para prosseguir e valorizar, ainda mais este esfuizante cartaz que consagra o verão algarvio.

Desde há anos que o nosso jornal vem pugnando pelo cabal aproveitamento das potencialidades deste magnífico recinto que é o Parque Municipal de Loulé e hoje podemos-nos regozijar por, finalmente, estarem sendo dados os primeiros passos no sentido de atrair àquele local uma população que merece um local sossegado onde possa disfrutar a pureza de um ar liberado de fumos e do barulho das irritantes motorizadas.

Desde um razoável e acolhedor Parque Infantil, que já ali existe há alguns anos, e onde a petizada se diverte despreocupadamente, até vários recintos para diversas modalidades desportivas que ali podem ter cabimento (incluindo uma piscina que, inexplicavelmente, não quiseram deixar-nos construir) o Parque de Loulé pode ser ainda como um autêntico pulmão vivificador duma vila em promissora expansão.

Além da alegria e animação que as Festas de Verão vêm imprimir no Parque, elas fazem-nos recordar os tempos em que ali se realizaram as Feiras Populares, com espectáculos de tão assinalável êxito.

Oxalá a população saiba corresponder aos esforços que a Câmara há-de empreender para valorizar cada vez mais o nosso Parque Municipal.

Vende-se — Padaria

Com boa laboração e com anexo que pode servir para supermercado.

Trata: Maria José Nunes — Vale de Éguas — Almancil. Atende na parte da parte na residência junto.

(2-1)

ALUGA-SE

Alugo armazém com 220 m2. Tem portão com entrada para camiões c/ carga. No sítio do Paixanito em Loulé.

Tratar no local

(3-2)

Vende-se CASA

1.º andar com 4 assoalhas na Av. José da Costa Mealha, 123 — Loulé.

Nesta redacção se informa.

(6-5)

TURISMO — Que futuro?

(continuação da pág. 1)
quer coisa de novo a dizer, uma sugestão a apresentar, uma crítica a fazer, sobretudo, tratando-se de um País, como o nosso, tão mal conhecido ainda, pela maioria da sua gente e onde a variedade e abundância dos seus contrastes é tão flagrante.

As suas paisagens de admirável frescura e colorido, como as do Minho e Alto-Douro, vales de incomparável beleza — Gerês, Vouga, Dão, Mondego; planícies verdejantes, pujantes de riqueza, como as banhadas pelos rios Vouga, Mondego, Tejo e Sado; ou áridas e secas, mesmo assim, não deixando de nos empolgar com a beleza rústica dos seus soutos e montados; serras nuas ou vestidas de frondosa e exuberante vegetação como as do Buçaco, Boa Viagem, Sintra, Monchique; rios de águas mansas que desaguam tranquilamente no oceano ou de margens alcantiladas e penhascosas cujas águas correm tumultuosamente para o mar, constituem cenários maravilhosos, de um pitoresco inconfundível e quase único, neste País de Sol e encanto. Daí que a avidez do estrangeiro em nos visitar seja cada vez maior.

Turismo, o desejo de viajar para nos conhecermos tal qual somos na realidade. E dado que o nível de vida dos povos tem melhorado é de esperar um afluxo cada vez maior de turistas.

Portugal é, na verdade, sob este aspecto, um país que tem muito para dar e oferecer. A começar pelo seu clima incomparável, aquecido por um sol radioso e coberto por um Céu azul diáfano.

O calor humano, que irradia naturalmente, da sua gente, acolhedora e hospitaleira, os seus costumes e tradições, o seu folclore rico e variado, as suas músicas e cantares, tão típicos, constituem, juntamente com as belezas que a Natureza tão prodigamente o dotou, um cartaz vivo e apaixonante, quase sem paralelo no mundo.

Motivos que fazem de Portugal, naturalmente, um país predestinado para o Turismo.

É ao génio humano, à capacidade imaginativa e criadora dos portugueses que se lança o desa-

fio de saber aproveitar todo esse manancial de riqueza e pô-lo ao serviço da Nação e dos seus amigos.

Cada um de nós, co-responsável pelo que de bom ou mau se faz no nosso País, tem uma palavra a dizer, uma missão a cumprir nesta tarefa eminentemente nacional. Nada mais prejudicial e derrotista que a inércia e o imobilismo. É preciso acordar da letargia em que temos vivido, do hibernar pernicioso, e tomarmos parte activa e actuante nesta assembleia que somos todos nós, que se dá pelo nome de Povo Português. E todos unidos, no bom sentido do termo, temos o dever de contribuir para ajudar a sair o País da situação difícil em que se encontra.

Será com a entrada do turista e portas dentro do território nacional que deve começar a nossa acção imediata. Dentro desse conceito ocorre-nos formular uma

série de perguntas às quais faremos os comentários que se nos afiguram mais justos e pertinentes.

POSTOS ADUANEIROS — Que se fez neste sentido para simplificar as entradas?

Julgamos que em assuntos de burocracia ninguém nos leva a palma. Complicam-se as coisas demasiadamente, exige-se cada vez mais. O turista vê-se obrigado a preencher aqueles questionários maçadores que outros países dispensam. Começa aqui a má impressão com exigências, talvez, descabidas. Depois, e por vezes, as bichas enormes que fazem esperar e desesperar por insuficiência de pessoal e o tal excesso de burocracia. Há casos em que a economia é um bem outros em que é um mal pernicioso.

(Conclui no próximo número)

G. C.

A ASSOCIAÇÃO DE COMANDOS ESTEVE EM FESTA

(continuação da pág. 1)
os que continuam a orgulhar-se de pertencerem ou terem pertencido ao famoso Regimento de Comandos, como também entre quantos dos seus amigos vêem neles uma segura garantia de continuar a viver num país livre, e onde «a independência nacional» não seja um aberrante slogan dos que pretendem escravizar-nos sob os tentáculos de uma férrea ditadura.

O sr. Coronel Santos e Castro «comando n.º 1» deslocou-se especialmente a Faro para participar na festa, a qual só não teve a presença dos srs. Brigadeiros Soares Carneiro e Coronel Jaime Neves porque motivos de ordem profissional os impediram de estar presentes.

Para além do ambiente de confraternização que proporcionou, o Solar de Marchil simboliza também uma magnífica obra de carácter social, pois tem uma capacidade para 60 pessoas, que

o utilizam como colónia de férias, especialmente familiares de ex-comandos.

De Outubro a Junho essas mesmas instalações serão utilizadas como jardim de infância, o que muito prestigia quem lançou maior e tão louvável empreendimento.

Na guerra ou na paz, «MAMA SUME» é, para os Comandos, uma divisa e um motivo de orgulho, que simboliza um ideal de Pátria que muitos portugueses hoje desprezam para servir interesses duma estranja que nada nos diz nem bom nem de belo.

Trespasa-se

Café-cervejaria, bem localizada em Quarteira, com boa clientela. Motivo à vista.

Nesta redacção se informa.

(3-3)

Se está interessado
em construir a sua
VIVENDA

ou

PRÉDIO

Contacte com

JOSÉ CORREIA
BARBARA

residente no sítio
do POÇO NOVO - LOULÉ
Telef. 62255

Que também executa
reparações em prédios
novos ou antigos

(6-6)

O Algarve na hora da «invasão» MARÉ CHEIA... DE TURISTAS

(continuação da pág. 1)

tavento, encontram-se vários micro-climas para todos os gostos, dos mais frescos aos mais quentes, sempre com um denominador comum incomparável: a beleza da costa e a limpidez da água onde as praias são uma das mais apetecidas reservas de todo o continente. Província com cerca de 250 quilómetros de litoral e com uma população permanente de cerca de 260 000 pessoas, o Algarve vê-se invadido no Verão pelo dobro das pessoas, embora tenha apenas cerca de 50 000 camas turísticas para oferecer em conjunto ao mercado interno e aos mercados externos. As casas particulares (segundas residências e casas de familiares, para além de casas arrendadas à época) complementam esta reduzida oferta. Os próprios estrangeiros recorrem muito ao aluguer de casas pertencentes a pescadores e não só. Dada a sua carência, os preços praticados são verdadeiramente especulativos. Um apartamento mobiliado em zona de praia atinge 1500\$00 por dia. O campismo — incrivelmente desorganizado, mesmo selvagem — perfaz, bastante deficientemente, o défice da capacidade necessária para alojar os excedentes das correntes turísticas nacionais e estrangeiras.

AUTONOMIA NO ALGARVE

Este ano, os visitantes ficaram surpreendidos pelo número de inscrições nas paredes reclamando autonomia para o Algarve. A primeira vista parecia a exteriorização do conhecido humor algarvio glosando um tema ainda actual em relação a outras regiões. Uma análise mais aprofundada, cedo nos indica, porém, tratar-se de um movimento organizado, até com autocolantes amarelos distribuídos por alguns automobilistas mais ousados. Que se trata de um movimento clandestino não há dúvida. Quem o manipula, financia e estimula será fácil de adivinhar.

Turisticamente, é mais um motivo de apreciação negativa, que demonstra de um modo muito artificial o descontentamento popular para com os governantes perante a sua incapacidade em planificar sequer a solução gradual dos problemas que continuam a afectar a região, desde a falta de água, ao saneamento básico, passando pelas deficiências em abastecimentos alimentares a zonas populosas, como Sagres e Vila Real de Santo António, por exemplo, não esquecendo as deficiências em instalações escolares, a

cobertura dos serviços de saúde e as inexplicáveis carências em transportes e comunicações. Politicamente não passa de mais um reflexo da falta de um verdadeiro projecto de recuperação e identificação nacional.

UMA DAS MAIS POBRES REDES DE ESTRAD. S

O percurso Lagos-Portimão ou vice-versa continua, ano após ano, impraticável. As obras na estrada 125 estão a comparar-se às de Santa Engrácia. Chegou o Verão e a época turística mais forte e não houve o cuidado de pavimentar umas três centenas de metros do actual desvio. Para além de estreito, perigoso e mal cuidado, este troço da estrada nacional não satisfaz, no mínimo, as exigências da população e tanto mais dos turistas que afluem ao Algarve.

De Portimão até Alcantarilha, a estrada também não está em condições. Apenas de Ferreiras para Faro, a espinha dorsal do sistema rodoviário algarvio apresenta um perfil razoável, enquanto o Governo e os técnicos não conseguem projectar uma estrada, recorrendo a viadutos, da qual se possa desfrutar toda a beleza da costa sem ferir a paisagem, aliás já adulterada em certas zonas.

Paradoxalmente, no interior há razoáveis estradas secundárias, como de Silves em direcção a Faro, entre outras, contrastando com os acessos à maioria das praias, os quais desde Albufeira, Quarteira, Praia da Rocha, Vale de Lobo, Carvoeiro, Cabanas, etc., se encontram num estado lastimoso.

O Algarve continua, também, à espera da ponte internacional sobre o Guadiana, da auto-estrada para Lisboa (isto é, praticamente até Setúbal), dos portos de Portimão e Vila Real de Santo António para o tráfego de longo curso, do prometido novo aeroporto, do estúdio e centro de produção televisivo, das estações de tratamento de esgotos e da auto-suficiência em abastecimento de água. Afinal, pouco mais do que necessidades básicas para a vida regional.

«BOOM» ECONÓMICO

Nota-se, todavia, um incontinente «boom» económico por todo o Algarve. A atestá-lo o número de novas construções, as lojas de mobílias, a circulação de automóveis pertencente à população local, enfim os níveis de consumo.

Alguns pescadores, especialmente da faina artesanal, vão apenas ao mar dois ou três dias por semana e conseguem uma média de ordenados da ordem dos trinta contos por mês. Há quem gane 500 escudos por dia a apanhar caracóis. As rochas são um manancial de mariscos, muito apreciados e que atingem preços fabulosos. Os pedreiros não têm mãos a medir. Os trabalhadores rurais são muito procurados, pois embora com muitos ter. nos ainda incultos, o Algarve, derivado ao seu clima ameno, poderá tornar-se, em breve, no maior pomar de Portugal. As espécies hortícolas mais raras dão-se também no Algarve, onde a floricultura promete, igualmente, um razoável desenvolvimento. Terra de bastante vinho, com campos de cereais e algumas pastagens, o Algarve possui condições para se tornar numa rica região produtiva agro-pecuária, não esquecendo a sua ancestral tradição para a pesca, para a fabricação de conservas e para o artesanato. Assim, haja o talento necessário para fazer uso dos recursos existentes. Políticos inteligentes, empresários empreendedores e trabalhadores aplicados precisam-se...

Os preços da alimentação no Algarve são para assustar o português menos favorecido actualmente e que até há poucos anos se identificava com a classe média. Hoje, há já uma nova classe média, saída do proletariado das cinturadas industriais das grandes cidades e dos novos círculos político-militares, que absorvem avidamente toda a oferta do consumo alimentar e sumptuário sem se assustarem. Prova evidente de que o dinheiro não lhes custou a ganhar.

Os estrangeiros assustam-se, especialmente, com a péssima qualidade do serviço proporcionado, na generalidade, dos estabelecimentos do circuito de restauração e similares no Algarve. Há aqui um profundo trabalho de formação profissional e de licenciamento a empreender.

Está fora de causa que o Algarve é a região turística mais apetecida e que o seu potencial é incalculável, mas há que entender que turismo não é mau cheiro, nem estradas esburacadas e poeirentas, não é descidas perigosas e primitivas para as praias nem falta de vigilância, não é preços especulativos nem falta de animação, não é, enfim, somente Faro. A 27 de Julho, por exemplo, do programa de animação do Algarve, constava a pouco motivante feira de Nossa Senhora do Carmo e uma exibição do Ballet Gulbenkian, no Largo da Sé, em Faro, onde ainda há folclore para os hóspedes do Hotel Eva. E no resto do Algarve?

H. F.

De «O Tempo», de 3/8/78

QUARTEIRA

enfrenta graves problemas

(continuação da pág. 1)

transbordar em vez de darem saída natural aos detritos das sanitas.

Sabemos que isto já tem acontecido em várias casas e cria situações de perplexidade, pois não consta que em Quarteira viva algum Afílio que sonhe ver a sua tuiha transformada em ouro.

Para evitar o agravamento da situação a Câmara de Loulé até já mandou abrir valas em terreno alheio e sem consular o respectivo proprietário, do que tem resultado sentir-se ali o ar impregnado de odores característicos de repulsiva tolerância.

Sabemos que a solução deste problema exige o dispêndio de elevadas verbas, mas a verdade é que se trata de uma obra inadiável.

Para sujidade, já basta o que vai ficar em todas as zonas arborizadas nos arredores de Quarteira e onde os parques de campismo clandestinos proliferam em incrível abundância, albergando milhares de campistas nas mais insalubres condições de salubridade.

Acampar é uma prática corrente e altamente salutar, mas é pena que as pessoas não se conscientizem de que devem deixar limpos os lugares onde acampam, sob pena de, numa próxima oportunidade, não poderem voltar ao local preferido por causa da sujidade que provocaram, a qual atraiu moscas, mosquitos e outros insetos.

O Parque da Orbitus está registando a sua maior enchente de sempre e está mesmo a «transbordar». E isto apesar de ter sido amplamente alargada a área de utilização.

EMPREGADO

PRECISA-SE

Com experiência de balcão em materiais de construção e ferragens.

Nesta redacção se informa. (2-1)

(continuação da pág. 1)

Até matrículas da Austrália vimos por cá...

Na Vila de Albufeira, cujas ruas têm a estreiteza dos séculos passados e onde só agora foi encontrada uma solução de remédio para des congestionar a saída para as Ferreiras, o trânsito tem sido um autêntico quebra-cabeças para os elementos da G.N.R. ali em serviço, e que não têm conseguido evitar irritantes e extensos engarrafamentos.

Quarteira, onde as ruas são mais amplas (apesar de agora se insistir em reduzi-las e com isso se revelar uma atrofiada capacidade urbanística que brada aos céus) em Quarteira, dizíamos, também o movimento automóvel tem sido de tal ordem que, na manhã do dia 15, se tornou quase impossível encontrar um lugar ao sol para estacionar um automóvel!

É pena que a bela estrada marginal tenha afeia de mais para poder ser melhor aproveitada como zona de estacionamento, ou que a

área ao poente do restaurante «Elegante» (que tudo indica será, finalmente, a tão necessária zona verde de Quarteira) não possa ainda ser aproveitada para estacionamento de automóveis.

E causa pena ver que, ali, junto com tanto espaço livre, se delimitou uma ruazinha que não permite o cruzamento de 2 automóveis!

Quando será que deixamos de ter uma certa tendência para sermos pequenos e... pobres naquilo que fazemos.

Com a maré de turistas vieram também muitos marginais... dispostos ao roubo, ao assalto e a desprestigiar-nos perante os estrangeiros que nos visitam.

Muitos desses indivíduos já foram corridos de Albufeira pela G.N.R. e vieram acoitar-se em Quarteira.

É urgente que os elementos ali em serviço estejam atentos e que o público esteja alerta contra os amigos do alheio... que querem viver sem trabalhar.

LOULÉ arqueológico, etnográfico e histórico

(continuação da pág. 1)

derá revestir-se através do património arqueológico e etnográfico, de grande relevância.

A forma mais comum, em falar na bibliografia e projecção de filmes específicos, será por intermédio de um museu constituído pelos remanescentes devidamente catalogados de forma acessível para o público.

Loulé, que sabemos, estar vinculada a remotas origens, poderia se quisesse preparar um museu onde tantos achados dignos desse lugar ficariam patentes e ajudariam a «recordar» os seus antigos tempos, que remontam aos romanos e aos sarracenos.

A iniciativa, que terá de socorrer-se dos préstimos das autarquias locais, ainda ao que parece está longe de ser concretizada, mas não lhe tem escasseado inventivos, que um a um ficam pelo caminho das irresoluções, inaproveitadas.

Dentro das limitações e dos condicionalismos que se nos de-

param, cabe-nos porventura a vez de novamente animar essa ideia.

Ainda, não há muito, fizemos-lhe uma concisa alusão que não encontrou, pelo menos visivelmente, qualquer receptividade local.

Não desalentamos por isso, prometendo que na devida oportunidade retornaremos a este assunto (como a outros mais) para lhe assegurar a ressonância possível e merecida.

J. C. VIEGAS

Remessas dos emigrantes

Durante os primeiros cinco meses do ano em curso, as remessas dos emigrantes atingiram números até agora sem precedentes: cerca de 22 milhões de contos. Em idêntico período do ano transacto as remessas enviadas pelos trabalhadores portugueses no estrangeiro cifraram-se em 15,8 milhões de contos.

As remessas mais avultantes são procedentes da França (13,7 milhões de contos), República Federal Alemã (3,1 milhões de contos), E.U.A. (com 1,05 milhões de contos), e da Venezuela (com 169 milhares de contos).

AOS EMIGRANTES LOULETANOS

O vosso amigo Bernardino, da Guarda Nacional Republicana, sauda-os deste distante Algarve, e informa-os que se aposentou e que está ao dispor dos seus amigos, para tratar de qualquer assunto nos vários departamentos públicos ou privados para resolver problemas ou ainda na compra ou venda de apartamentos ou terrenos. Escrever para:

Bernardino António da Luz Silva, Rua Garcia da Horta — LOULÉ.

VENDE-SE

Terreno c/ aproximadamente 2 700 m², com óptimas vistas, para construção, junto estrada Loulé-Faro, c/ água e luz.

Informa Quiosque Ele e Ela em frente aos correios de Loulé.

Trespassa-se

Armazém de vinhos, de depósitos aéreos e subterrâneos, com vendas a retalho e atacado. Serve para outro ramo de negócio.

Telefone 62256 — Avenida José da Costa Mealha, 93 — LOULÉ.

VENDE-SE

2 courelas com árvores de fruto e terras de cultivo, ambas servidas pela estrada da fábrica de cimento «CISUL».

Trata António Manuel Conceição, R. Carvalho Araújo, 101-2.º, Esq.º, — LISBOA — Telef. 843776.

APARTAMENTO

VENDE-SE

Com 4 assoalhadas e 2 casas de banho.

Urgente. Motivo à vista. Telef. 62482 — LOULÉ.

ESQUENTADOR

Vende-se urgente, um esquentador, por estrear (MAURY — LM 26).

Tratar na Rua de Camões, n.º 5 — LOULÉ.

ERA UMA VEZ...

— 8 —

Era uma vez um galo... Eu não sei se já ouviram dizer que os galináceos são os animais mais estúpidos, mais incapazes de aprender, que há debaixo do sol. Eu nunca o observei «cientificamente» com os métodos de Bacon ou de Stuart Mill, mas isso agora não interessa ao caso.

O nosso galo era rei duma capoeira. As galinhas limitavam-se a cantarolar para anunciar a postura dum ovo. Mas ele, ele cantava de poleiro, cantava alto, a todas as horas, em todos os tons. E porque não tinha mais nada que fazer senão comer e desassossegar as galinhas, sobrava-lhe tempo para as suas principais paradas e os seus sonhos em voz alta.

E que havia de sonhar e de pregar o galo? Manias de grandeza: ele era o rei e senhor absoluto daquela capoeira. Ali nenhum outro galo teria direito de entrar, mesmo os pintos só lá teriam cabimento enquanto não tivessem crista. Depois teriam que experimentar como o seu bico era forte (ele não dizia «cruel», mas nós podemos dizê-lo). Não reconhecia o domínio do proprietário da capoeira porque esse reconhecimento seria «alienante». Pelo contrário, esse sujeito é que deveria ser servo dele, galo, estando obrigado a não lhe faltar diariamente com o milho ou os farelhos.

As galinhas, para ele, eram mero prazer, prazer que sadicamente procurava atormentando-as e gabando-se disso continuamente. Elas, as tristes, não passavam du-

mas «crianças grandes», enquanto que ele, sim, é que era «adulto» e «como adulto» exigia que todos o tratassem com todas as deferências. Os outros, isto é, as galinhas eram escravas, mas ele reclamava para si uma liberdade absoluta e sem peias. É verdade que nem podia sair da gaiola, mas a gaiola era para ele o mundo, nem lhe importando saber o que havia para além das suas redes. Se alguma coisa existe para lá dessas redes é «incognoscível» — dizia ele, parodiando, sem saber, Littré, mas incapaz, por ignorância, de lhe repetir a linda frase: «oceano para o qual não temos barco nem remos».

Não admitia censura de qualquer espécie para os seus «livres pensamentos» ou para as suas expressões ainda mais livres.

Um dia, uma galinha, cansada de ouvir tanto dislate e sabendo que era esse o pensar geral das companheiras, atreveu-se a dizer-lhe:

— Ó galo, desculpa, não quero ofender-te, mas estamos já tão fartas de ouvir esses discursos... Se cantasses outra coisa... Se tivesses a sorte de dizer menos burrices com que te cobres de ridículo...

— Ai, galinha, que fizeste? Não sabes que o galo não admite que se discorde dele?

— Mas ele, às vezes, fala-nos em diálogo. Quando ocupadas no nosso trabalho de pôr ovos ou de encher o papo, damos impressão de não o ouvir, censura-nos porque não aceitamos o diálogo.

— Pois sim, pois sim. O único diálogo que ele quer é que diga-

mos «sim» a quantas baboseiras lhe saíam do bico.

Esta conversa entre a galinha «inconveniente» e «malcriada» e a vizinha só foi possível porque as outras se puseram de permeio, a fazer barreira, para as defender. Mas o resultado foi ficarem todas a sangrar, por causa da sua solidariedade.

★

Quanto aos galos a cantar, no poleiro, entre homens. E a repetirem, inconscientemente, os mesmos dislates do galo da nossa fábula (materialismo positivista, repeição do poder de Deus, liberdade de expressão para todos os seus caprichos, megalomanias, etc., etc.), senão ainda muitos outros. E,

quando os outros, tapando os ouvidos a esses disparates, fazem a sua vida, consideram-nos «imbecis», quando afinal, se observarmos bem o povo humilde se descobre que ele é quem pensa bem em relação à religião, enquanto certos «galos» não se cansam de apregoar as suas novidades erróneas; é ver como, na generalidade, o povo crente não lhes liga nenhuma e continua sinceramente entregue à sua fé, segundo o Magis:ério hierárquico, que Cristo constituiu depositário único e infalível do Dogma e da Moral.

Também costumam estes «galos» «sem penas», na definição platónica, a apregoar a sua «idade adulta», não para tomar as responsa-

(continua na pág. 6)

A ENERGIA SOLAR E DO VENTO vai começar a ser aproveitada em Portugal para aquecimento de água em habitações e outros estabelecimentos. Tal aproveitamento começará, a título experimental, a funcionar durante o primeiro trimestre deste ano numa Escola, em Lisboa.

PROPRIEDADE

VENDE-SE, de boa terra de semear composta de amendoeiras, figueiras, oliveiras e alfarrobeiras.

Informa na R. Condestável D. Nuno Álvares Pereira, n.º 3 ou na R. do Matadouro, 4, em Loulé.

Vende-se

Courela com 300 m2, no sítio de Vale das Rãs, com frente para a Estrada.

— Uma propriedade c/mato e terra de semear, no sítio do Concelho.

Nesta redacção se informa.

PRESUNTOS

Vendem-se presuntos, queijos, queijinhos de ovelha e carnes fumadas tudo produtos da região. Casa Cavaco — Carregueiro — Baixo Alentejo.

VENDE-SE em Loulé

Apartamento com 4 assoalhadas, com chave na mão. Tratar com Manuel Costa Guerreiro — CLAREANES.

APARTAMENTO VENDE-SE

APARTAMENTO MODERNO, VENDE-SE COM 3 ASSOALHADAS POR ESTREAR, LOCALIZADO NA EXPANSÃO SUL.

CONTACTAR O TELEFONE 62125 — RUA DE FARO, 37 — LOULÉ.

Edifício Central ★

APARTAMENTOS



- Você merece o melhor!
- Escolha um apartamento no melhor local de LOULÉ
- A venda os últimos apartamentos

Manuel Ricardo M. da Silva & C.ª, Lda.
Telef. 62449 — LOULÉ

- ★ — Av. José da Costa Mealha
- Av. David Teixeira (antiga Rua Marechal Gomes da Costa)
- Rua Projectada

NO ALGARVE

LIVRARIA BERTRAND

livros nacionais e estrangeiros discos e jogos

Centro Comercial da Marina
Lojas N.º 27, 32 e 33
VILAMOURA

VERÃO MADEIRA 78

PARTIDAS SEMANAIS DE JUNHO A DEZEMBRO
UMA SEMANA DESDE ESC. 2.990\$00

HOTÉIS	ALOJ.-PEQ. ALMOÇO	MEIA PENSÃO	PENSÃO COMPLETA
ASTÓRIA	2.990\$00	3.940\$00	4.780\$00
PARQUE	3.990\$00	4.990\$00	—
RENO	4.700\$00	—	—
INTER-ATLAS	4.950\$00	6.200\$00	7.450\$00
MONTE ROSA	5.280\$00	6.580\$00	—
AMÉRICA	5.480\$00	6.990\$00	8.300\$00
SANTA ISABEL	5.550\$00	7.100\$00	8.300\$00
RAGA	5.590\$00	6.990\$00	8.450\$00
APT. DO MAR	6.200\$00	7.760\$00	—
VILA RAMOS	—	7.760\$00	8.500\$00
MAD. PALÁCIO	6.700\$00	8.250\$00	9.750\$00
SAVOY	7.150\$00	8.100\$00	10.950\$00

Os preços incluem: Passagem aérea; Transfers; Recepção Boas-Vindas; Estadia no Hotel na modalidade escolhida; Circuito da Cidade e Pico dos Barcelos; Assistência Permanente; Todas as taxas e... BONUS TURALGARVE.

ABERTOS À HORA DO ALMOÇO
Informações e Reservas

EM LISBOA
R. Luciano Gerdereiro, 1-C
Telefs 4 00 08 - 53 82 40

EM LOULÉ
Praça da República, 98-100
Telefs 6-21 43 - 6-21 44

TURALGARVE

Recordar é viver

ESTRADA, EM PÉSSIMO ESTADO ATÉ QUANDO?

(conclusão do n.º anterior)

Ainda quando ao aspecto religioso direi, que nos arrabaldes da cidade — se a memória me não falta — havia pelo menos mais duas ermidas; uma dedicada a S. João, no bairro da Mapunda, e outra a S. António, à Machiqueira, igualmente com luzidos festejos na época própria.

Junto da Ermida de S. João, logo que chegava a quadra festiva dos Santos Populares, assava-se um boi inteiro, dos melhores da manada, que em seguida era pendurado a uma árvore, e dispostas à sua volta muitas mesas e bancos, feitos na ocasião — a madeira não faltava — e ali não faltavam também os barris, os vinhos das melhores marcas metropolitanas.

Com este brilhantismo, assim começava a festa «rijia», em que participavam novos e velhos, sem «discriminação» de idades e de sexos... dançava-se, comia-se e bebia-se liberalmente e quase sem interrupção durante vários dias e a «música» só parava, quando já não houvesse de comer ou beber... Bons tempos aqueles!

Pelas festas do Natal e Reis, havia as chamadas «lapinhas» — da boa tradição madeirense — que consistiam em nichos ou presépios armados em quase todas as casas particulares, e davam ensejo aos tradicionais bailaricos, acompanhados também de comes e bebes, que tanto deliciavam a rapaziada e onde muitas palavras de amor, contidas a muito custo durante o ano inteiro, eram então desferidas ao coração das pretendidas, as quais não poucas vezes sentiam o desejado efeito para darem novo rumo à vida dessa mocidade, adentro a comunidade quase patriarcal, pois tudo tem a sua época própria, que não é só para a propagação da espécie, mas até para fazer fortuna e amigos...

Não quero aqui terminar este desfiar de recordações, sem dizer que Sá da Bandeira, tal como acontece em qualquer outra cidade, vila ou aldeia, possuía também os seus tipos populares.

Alterando um pouco os seus nomes para evitar susceptibilidades de alguém, dir-vos-ei que entre esse género de pessoas, duas havia que mais se desafiavam pelo antagonismo dos seus comportamentos no burgo e não só, mas, no entanto, eram amigos.

Joaquim Numa, sempre muito metido em si, era o que se chama um homem pacato, era incapaz de fazer mal a uma mosca, nunca usando uma palavra ou gesto sequer que pudessem ferir o próximo, a sua amabilidade e paciência eram indelévels.

Seabra de Azeredo, era o que se chama um espírito descontrado e folgazão, perito em profundidade de todos os mexericos e pequenos escândalos da terra, que deliciava discutir e propalar, era o que se chama um tipo acutilante e verrinoso, aí daquele que lhe caísse no «gotto», era-lhe preferível cair nas garras do domónio!

Ambos eram casados, mas o bom do Numa, tivera um grande azar, casara com mulher muito nova e bonita da região, e... tão bonita como volúvel — segundo constava — com verdade ou mentira o certo é que começou a dar nas vistas e portanto muito falada, tendo desde logo como Director e reporter do jornal do «soalheiro» o seu amigo Azeredo.

Decorridos tempos, madame Numa, aproveitando a oportunidade da vinda à metrópole em gozo de férias de um dos apontados requestadores, pretextando ao marido quaisquer motivos de saúde — que os há sempre em casos destes... — fez-se de vela com aquele no mesmo transporte, confortada com uma substancial mesada bancária, estabelecida pelo marido, para as suas despesas no continente.

Mais tarde madame Numa, para com a sua versatilidade dar razão a um celebrado poeta latino, que sem ter em conta as excepções dizia: «Varium et Mutabile, semper femina erat», arran-

jou novo companheiro, a que outros se seguiram, certamente, para se não deixar abater de tédio em terras estranhas...

Passaram-se anos sem que a madame regressasse ao lar familiar, no entanto as mesadas eram enviadas regularmente, sem que a imperturbável serenidade e paciência do seu consorte eu (sem sorte...) Numa, sofresse a menor alteração.

Chegou o dia em que o Senhor Numa fazia anos, então o seu amigo Azeredo já exasperado de tanto lutar sem resultado, resolveu-se finalmente fazer-lhe uma partidinha em cheio: era o seu «furo» jornalístico...

Recorreu aos caçadores da selva e ao Matadouro Municipal, arranhou uma volumosa colecção de portentosos chifres, de várias espécies de animais, acondicionou-os, devidamente embrulhados, num grosso volume, primorosamente envolvido no melhor papel que encontrou no mercado, atado com as fitas mais caras e coloridas que pôde encontrar, juntou-lhe um cartão, no qual dizia:

«Ao meu bom amigo Joaquim Numa, como prova da minha muita consideração e amizade, oferece, Seabra de Azeredo».

E enviou tudo por um seu criado ao destinatário, e ficou a esfregar as mãos de contente.

O seu amigo Numa, ao receber a encomenda, certamente deveras interessado no conteúdo da oferta, pressurosamente a desembrochou e ao verificar o causticante significado da oferta, em que nem sequer faltava a simbólica

armadura de veado, prontamente lhe deu a resposta.

Arranjou um lindo ramo de rosas e flores, atou-as com fitas do melhor cetim e enviou-o ao seu melhor amigo, Azeredo, conjuntamente com um cartão em que dizia:

«Prezado amigo, recebi os chifres, muito agradecido pela sua lembrança, como prova do meu reconhecimento, envio-lhe este ramo de flores. Desculpe-me esta modesta oferta. Cada um dá o que tem!»

CADA UM DÁ O QUE TEM!

Que magistral resposta e admirável lição de educação e moral estas singelas palavras encerram!

Se muita gente reparasse bem nelas e no seu profundo significado estou absolutamente certo que tais pessoas seriam mais cautelosas nos seus comentários malévols a respeito do próximo em geral e da vida alheia em particular.

10 de Agosto de 1978.

Manuel Francisco Júnior

COMPRA-SE

Terreno qualquer quantidade.

Interessa barato mesmo que seja bravo.

Resposta a este jornal ao anúncio n.º 152.

(2-2)

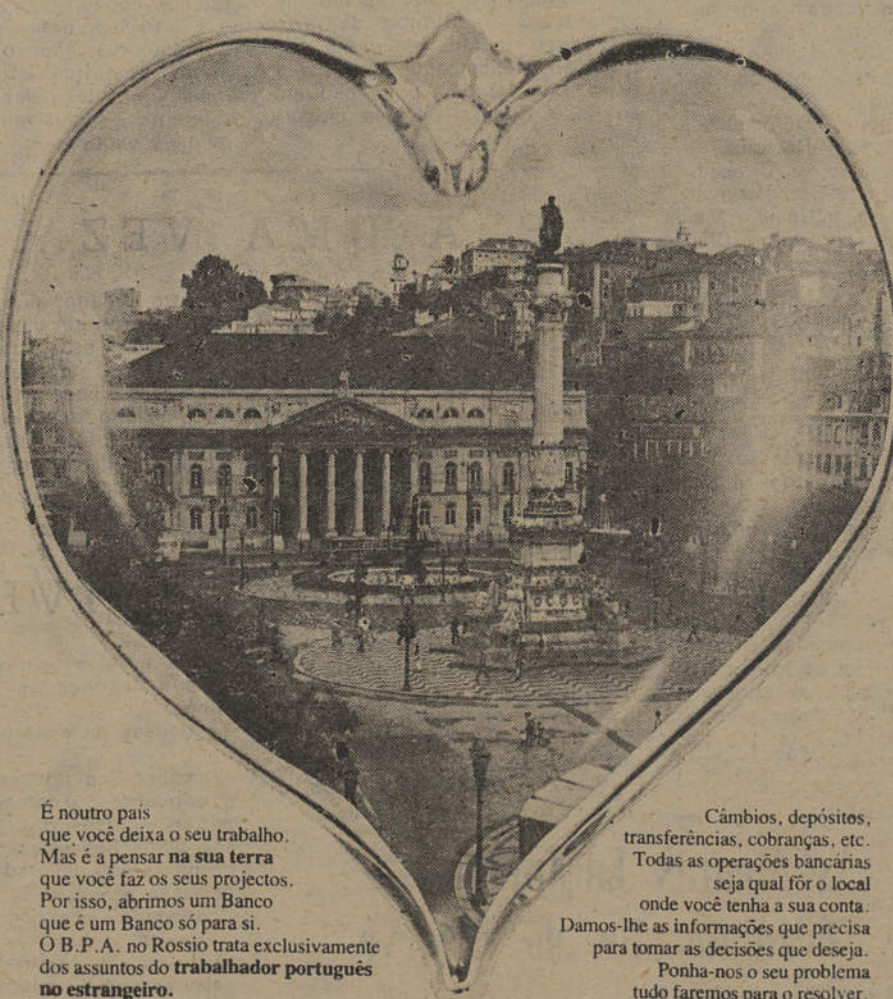
VENDE-SE

Prédio, situado na Rua Miguel Bombarda, r/c e 1.º andar. Contactar com José Silvestre — R. Martim Farto, 32 — LOULÉ.

(4-3)

Você trabalha longe mas o seu coração está em Portugal

Agora, no coração de Lisboa, o primeiro Serviço de Apoio a Emigrantes.



É noutro país que você deixa o seu trabalho. Mas é a pensar na sua terra que você faz os seus projectos. Por isso, abrimos um Banco que é um Banco só para si. O B.P.A. no Rossio trata exclusivamente dos assuntos do trabalhador português no estrangeiro.

Câmbios, depósitos, transferências, cobranças, etc. Todas as operações bancárias seja qual for o local onde você tenha a sua conta. Damos-lhe as informações que precisa para tomar as decisões que deseja. Ponha-nos o seu problema tudo faremos para o resolver.

Visite-nos. Contacte-nos. Diga aos seus familiares que o façam.

Serviço de Apoio a Emigrantes

Praça D. Pedro IV, 51 (Rossio) — Tel. 36 57 66 - 32 38 24 — Telex. 12 841

Posto de Câmbios: diariamente até às 20,30h. e aos sábados das 10h. às 13h. (Durante os meses de Verão)



BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

BARROS DE ALMANCIL



Vitorino Pereira Pires

Bonifácio

1 ANO DE SAUDADE

Querido filho, faz um ano que Deus te levou. Vivemos sem ti, mas a tua imagem continua cada vez mais viva nos corações dos teus pais, avós e tios e restante família e todos aqueles que te estimaram recordando-se. Em sufrágio pela tua alma, será celebrada missa dia 23 de Agosto, pelas 9.30 horas, na igreja de S. Lourenço de Almancil. A desolada família do saudoso extinto participa a divulgação desta missa e desde já agradece a todas as pessoas que queiram assistir a este piedoso acto religioso.

Para todos os nossos maiores agradecimentos.

Maria Guerreiro Pereira
Luís Pires Bonifácio

TERRENO

Vende-se terreno para construção, na Rua Rainha D. Leonor. Tratar com Almerinda Pinto Barros — Estrada da Senhora da Saúde, 34-2.º — Faro.

(3-2)

CARIMBOS

Executam-se na

GRAFICA LOULETANA

R. Marçal Gomes da Costa

Telef. 62536 — LOULÉ

Ainda o caso do julgamento de «A VOZ DE LOULÉ»

«Saber resistir à violência é difícil mas vulgar. Saber resistir à calúnia e aos motejos, é maior esforço e mais raro».

ALEXANDRE HERCULANO
Por sugestão do nosso advogado e com manifesta compreensão e boa vontade da nossa parte em pôr ponto final numa querela que poderia arrastar-se por longos meses no Tribunal, concordamos em aceitar a desistência da queixa do sr. Dr. Tenazinha com a única condição de, se assim o entendessemos, de publicarmos um pequeno esclarecimento redigido pelo nosso advogado.

Não é uma obrigação, mas apenas um imperativo de consciência que voluntariamente aceitamos cumprir no prazo de 60 dias.

A explicação é a seguinte: teve a concordância de Luís Pereira e do director deste jornal porque apesar de tudo:

«Têm marcada consideração pelo Dr. Eduardo Tenazinha, quer sob o ponto de vista pessoal, quer sob os pontos de vista política e profissional. Justamente reconhecem que teve acção esforçada e meritória na organização e militância do PSD, com o que grangeou a consideração e o respeito gerais.

Por isso, com o artigo publicado no jornal «A Voz de Loulé», de 22/9/76, bem como com os artigos publicados em 16/2, 27/4, 25/5 e 29/6, todos de 1978, nem o autor do 1.º, Luís Pereira, nem o seu director e autor dos restantes, José Maria da Piedade Barros, tiveram a intenção de ofender ou diminuir o Dr. Eduardo Tenazinha.

Os artigos apenas se ficaram a dever ao espírito de crise e de efervescente polémica política da ocasião.

Se para além disto, podem ver-se nos artigos quaisquer expressões susceptíveis de ser interpretadas como desconsideração, isso apenas se pode ter ficado a dever a eventuais critérios menos felizes de redacção.

Já se passaram 30 dias após a data em que fomos chamados a depor em Tribunal. Contudo ainda não se apagou em nós um certo ressentimento de revolta interior perante a paradoxal situação de um homem que não aceita nem se conforma ter sido obrigado a sentar-se no banco dos réus como consequência de insultos de que injusta e despropositadamente foi vítima.

Isto nos faz meditar acerca da podridão dum mundo louco que achincalha os homens honestos e enaltece aqueles que não têm o mínimo respeito nem pela verdade nem pelos princípios de sã convivência entre os homens.

É certo que em política «vale tudo», mas os não-políticos não podem deixar de se sentir profundamente chocados perante factos que suscitam o clamor de revolta de homens que, pela verdade, são capazes de arriscar a própria liberdade.

Apesar de tudo, esta questão em Tribunal tornou evidente a honestidade daqueles que são incapazes de colocar a partidária sectária acima da verdade e que, em Portugal, ainda é possível às pessoas terem ideias divergentes.

tem mesmo quando supõem possuir um ideal partidário semelhante.

Tal não acontece, porém infelizmente, com certa facção da esquerda folclórica que está sempre e filialmente ao lado de Moscovo e que despreza os interesses de Loulé (só) para servir faticamente um partido que pretende ser único (e onipotente) e para quem a palavra democracia é sinónimo de eliminação física pura e simples de quem discorda dos seus aberrantes e ultrajantes conceitos.

E é impressionante como essa gente aproveita as mais pequenas oportunidades para apesar dos seus ares de vaidoso pavão, dar largas aos seus mais mesquinhos sentimentos de ódio partidário.

UM GRANDE SALÃO DE ARTE FOTOGRÁFICA e o concurso «FOTOGRAFE AS SUAS FÉRIAS NO ALGARVE»

Não há dúvida: o Rocal Clube tem como uma das suas características a diversidade das iniciativas que promove.

Apoiado por subsídios oficiais mais do que merecidos, e devendo também a sua importância ao esforço que o grupo dos seus Directores (pura e simplesmente amadores) lhe dedica, a verdade é que praticamente todos os meses, pelo menos uma ou duas vezes, o Rocal Clube é notícia.

Desta vez trata-se do 4.º (já o quarto) Salão de Arte Fotográfica, que podemos considerar como uma das mais importantes manifestações do género em Portugal. Claro que o Rocal Clube, mercê do seu dinamismo, viu quase imediatamente reconhecido o seu esforço. Daí que a FIAP, a mais alta entidade mundial em fotografia, lhe tenha concedido o patrocínio (este ano com o número de código internacional 29/78) e distribuído as suas medalhas de ouro, prata e bronze, para serem entregues aos 3 trabalhos mais distinguidos (preto e branco, cores e diapositivos).

Além desse apoio internacional, também a Comissão Regional de Turismo do Algarve, e Direcção Geral de Turismo, a Secretaria de Estado da Cultura, a Câmara Municipal de Silves e o Touring Club

de Portugal estão com o Rocal Clube.

Mas como se isto fosse pouco, o Rocal Clube, num acordo com a Comissão Regional de Turismo do Algarve, e que é considerado como de nítida importância para o turismo algarvio, criou um outro concurso dentro do 4.º Salão de Arte Fotográfica (e também 2.º Salão Internacional do Algarve): «Fotografe as suas Férias no Algarve». Quer dizer que em plena época turística, com o Algarve a transbordar o Rocal Clube e a Comissão Regional de Turismo do Algarve oferecem a possibilidade de se ganhar um prémio que é exclusivamente dedicado a quem, em férias, as fotografe no Algarve: viagem e estadia de uma semana para duas pessoas num dos hotéis de 4 estrelas.

Tanto para o 4.º Salão como para o concurso o prazo de entrega termina a 31 de Outubro de 1978.

Os regulamentos estão em distribuição praticamente em toda a parte. Mas também pode pedi-los ao Rocal Clube — Silves (Algarve).

ERA UMA VEZ...

(continuação da pág. 4)
bilidades do adulto, mas para exigir a liberdade exagerada que o verdadeiro adulto sabe que não é permitida. Esquecem o Evangelho: «Se não vos fizerdes como crianças, não entrareis no Reino de Deus». E quanto mais adultos se apregoam, mais infantis se mostram.

— Mas, então, não é o Papa a falar do nosso estado de cristãos adultos?

— Pois é, mas para nos dizer que o devemos ser no espírito e nas obras, não nas exigências. E para dizer aos que na Igreja têm autoridade que nos tratem a todos e nos encaminhem como adultos, com a delicadeza e respeito que se têm aos adultos, e não com modos de tratar crianças.

OS SUCEDÂNEOS DA ALFARROBA

A alfarroba que, na economia do Algarve, pesa com um valor médio anual de 40 000 toneladas, proveniente de 1,6 milhões de árvores (estatística de 1954), teve no País utilização para arraaamento do gado, a polpa, e a gralhada é aplicada na fabricação de gomas com diversas utilidades industriais.

Na Ilha de Maiorca, porém, que possui uma indústria licoreira desenvolvida, e aparecem entre os diversos licores, o de alfarroba e quiza, de cor preta, bem apaladado que se vende lá sob o nome de Palo. O seu grau alcoólico não ultrapassa 26°.

Nem é para admirar que assim seja, pois a análise química revela que na polpa da alfarroba, ou seja, 90% do seu peso, se encontram os açúcares leuolose e glicose, em 16%; a sacarosa, em 25%; e o amido por sacaríficos, em 9,5%.

Quere dizer, são ao todo 50,5% de açúcares, ou sejam em média anual, cerca de 18 000 toneladas. Esta análise permite supor — como se ouve dizer e até com certo fundamento — que a indústria química estrangeira pretende fabricar, a partir da alfarroba, um produto sucedâneo do chocolate no nosso País. Supomos que no concelho de Loulé já há quem disponha de elementos sobre a viabilidade industrial desta última fabricação.

O que se nota na referida Ilha de Maiorca, no Mediterrâneo, durante as visitas guiadas das agências de Turismo, é mostrar as diferentes indústrias regionais, organizadas tecnicamente, de forma a mostrar aos mesmos turistas o aproveitamento criterioso das suas potencialidades económicas. Ora a Ilha de Maiorca, com uma área de 3 600 km² (contra 5 072 km² do Algarve), possui uma flora idêntica à da nossa Província, com imensas amendoeiras, alfarrobeiras e figueiras.

Enquanto o Algarve apresenta na indústria licoreira as aguardentes de medronho com cerca de 40 graus alcoólicos, em Maiorca aparecem à volta de 20 variedades de licores, desde o de café, ao de laranja, tangerina, banana, etc., os quais são distribuídos graciosamente, para prova, em pequenos copos.

E isto tem o fim de aliciar os compradores, não só dos licores, como de outros artefactos, principalmente de peles de animais diferentes, inclusivamente os de animais exóticos.

Quere dizer que na Ilha de Maiorca, além da curtienda de peles, que o Algarve não possui, existe a manufatura dos artefactos respectivos, com valor unitário que se eleva aos milhares de pesetas, como sejam os bons casacos e malas artísticas.

Dizem, porém, as Estatísticas que o Algarve abate nos seus matadouros um grande número de animais para satisfação da sua indústria hoteleira e que a sua própria Lavoura dispõe de maior número do que outros distritos, como os do Alentejo, não obstante a maior área deste último.

E já que falamos nos sucedâneos da alfarroba, ocorre-nos falar, também nas 10 000 toneladas anuais de amêndoa que, em média, produz o Algarve.

Ora sucede que em Espanha, também grande produtor de amêndoas, além dos doces em que intervém este fruto seco, tem uma indústria de exportação com base no célebre torrão de Alicante que é principalmente fabricado em Jijona, perto daquela cidade do Mediterrâneo.

Há cerca de 15 anos relatou, no «Jornal do Algarve», o seu director e fundador, o jornalista José Barão, uma visita às fábricas de Jijona, dizendo que a Espanha em vez de exportar muitos dos frutos em miolo e em casca, fabricava os **Furonos** que não só vendem por todo o País, como expõem em larga escala para os países sul-americanos, onde vivem colónias de iberos.

José Barão, com aquela desenvoltura que o caracterizava (pois foi o redactor que o Século incumbia de acompanhar as visitas ministeriais, às diferentes províncias do nosso País), concluiu por afirmar que na composição da numerosa variedade de **Furonos** espanhóis entrava não só a amêndoa, como os açúcares, o mel, a gordura comestível, os ovos e os anti-oxidantes legais. E terminava por dizer: não existirão no Algarve todas estas matérias primas? Ou faltará aos Algarvios o engenho e a arte que é preciso existir para que ao fim e ao cabo entrem mais divisas em Portugal e que, presentemente, tanta falta estão fazendo, para equilíbrio da nossa Balança Comercial!

Para mostrar como é que em Maiorca a indústria espanhola contribui para a entrada de divisas, citamos que naquela pequena ilha existem ainda outras actividades como a fabricação do vidro e das pérolas.

O vidro, como é sabido, tem como matéria prima a sílica ou seja a areia das praias, e é a sua fusão com a soda e a potassa que dá origem às diferentes variedades de vidro.

As pérolas industriais são fabricadas na cidade de Manacor, onde existem 2 unidades e tem como matérias primas o vidro fundido a 1800 graus centígrados e que constitui o núcleo; o caulino poroso e... as escamas de sardinha e de biqueirão, que constitui o nacar que as ostras segregam, para revestir o núcleo ou grão-de-areia que, artificialmente, os japoneses e os indianos introduzem no corpo das ostras, para as obrigar a formar as pérolas.

Existe no nosso País, desde 1954, o Instituto Nacional de Investigação Industrial a quem compete dar estrutura técnica às empresas que se propunham fomentar novas indústrias no País.

O Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas, que já tem uma delegação em Faro, bem pode auxiliar os que quiserem pôr em execução algumas indústrias que concorram para equilíbrio da nossa Balança de Comércio.

A. S. P.

Porta tipo banco

Vende-se uma porta tipo banco (de enrolar), nova, com 3x2,5 m.

Montada em Quarteira. Nesta redacção se informa.

Infracções sobre o trânsito detectadas pela PSP de Faro

O comando da PSP de Faro na sua última informação transmitida aos órgãos de divulgação, referência que durante o mês de Julho findo foram levantados ao to-

do 549 autos de transgressão, 178 pelas operações de «stop» e 371 em serviço de rotina.

As infracções mais avultadas são as cometidas por estacionamento irregular (266), desobediência à sinalização (81), falta de capacete (51).

Além das mencionadas pertencem à extensa lista as infracções provocadas por falta de apresentação de carta, da chapa com o nome e residência, falta de luz, falta de livrete, falta de licença de ciclista e de escape livre.

Défice comercial

dos primeiros cinco meses: 36 MILHÕES DE CONTOS

A balança comercial portuguesa, atingiu de Janeiro a Maio últimos, o défice de 52,9 milhões de contos. No mesmo período de 1977 o défice traduziu-se pela cifra de 36,4 milhões de contos.

Não obstante, as exportações registaram um aumento valorativo durante esse lapso de tempo, na ordem dos 38,8 milhões de contos contra 28,7 do ano anterior.

Entre os bens importados, assumem maior número os petróleos e os derivados, os medicamentos, vários produtos alimentares, designadamente a carne, bacalhau, cereais e açúcar, depois os veículos automóveis e respectivos acessórios.

Folhetim «As Mouras Encantadas e os Encantamentos do Algarve» do Dr. Ataíde Oliveira

De acordo com o que temos vindo a anunciar vai este jornal na oportunidade editar em moldes de folhetim a notável compilação que é a obra «As Mouras Encantadas e os Encantamentos do Algarve», da autoria do Dr. Ataíde Oliveira.

No prosseguimento dos seus intentos de divulgação premeditada, também reeditar a aludida obra em forma de livro.

Em face do exposto, estão abertas por este jornal as inscrições de reserva para quem pretenda adquirir o referido livro.

VIVER

Pedras ardidas pelo sol
Corpos destroçados pelo tempo
Longe os deuses da aventura e do fantástico

secam nossas ligeiras sombras
e o quente do coração
nossos sorrisos divertidos
são olhos brilhantes na escuridão
de nossa vida enlutada
A nossa cabeceira
Cristo morre conosco
e nossos sonhos
são versos de frustração
palavras velhas soletradas
no dicionário vazio
de nossas almas
Agora sei
porque cerro os olhos tantas vezes
e observo sozinho
o meu espaço interior
Viver
é procurar na terra escassa
o movimento de nossas falhas da vida.

LUIS PEREIRA